

EU VENHO DA FLORESTA COM MEU CANTAR DE AMOR: A HISTÓRIA DO MARANHENSE QUE SE CONSTITUIU MESTRE NO ACRE

Isabell Mendonça

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. *Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros*. Salvador: EDUFBA; ABESUP; São Luís: EDUFMA, 2011. 592p.

Em 2008, Paulo Moreira defendeu a dissertação “Eu venho de longe: a história de vida de Raimundo Irineu Serra” pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia - UFBA, orientado por Edward MacRae. O presente livro é resultado de uma reformulação desse trabalho, realizada em conjunto pelos autores entre 2008 e 2010, recebendo o apoio da Secretaria Nacional de Política sobre Drogas - SENAD, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB e da Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos - ABESUP. A edição de “Eu venho de longe” foi realizada pela Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA em co-edição com a Editora da Universidade Federal do

Maranhão - EDUFMA, tendo sido lançado em 23 de novembro de 2011 em Salvador, no dia 10 de dezembro no Museu Afro, em São Paulo, e no dia 1º de junho de 2012 em São Luís.

Raimundo Irineu Serra, “a luz da qual se inspirou este trabalho”, segundo as palavras dos autores, foi o responsável pela fundação do sistema religioso conhecido como Santo Daime, que surgiu na década de 1930, na qual se faz uso ritualístico da bebida indígena *ayahuasca*, que é obtida pela decocção de duas plantas: o cipó *banisteriopsis caapi* e a folha *psicotrya viridis*, que contém propriedades psicoativas. Irineu Serra nasceu em São Vicente de Férrer, município da baixada maranhense, em 1890 e, no final da primeira década do século XX embarcou para o terri-

tório do Acre, onde trabalhou nos seringais e na guarda nacional, conhecendo a *ayahuasca* na fronteira com o Peru. É nesse contexto que Irineu entrou em contato com a entidade feminina responsável por lhe entregar a “missão espiritual”, que consistia em expandir o uso da bebida indígena e utilizá-la para a cura.

É possível compreender a trajetória de Raimundo Irineu Serra em direção ao Acre e suas vivências iniciais na região como inscritas dentro do fluxo migratório fomentado pela extração da borracha na região amazônica e das transformações sócio-culturais decorrentes desse movimento. Nesse sentido, sua história não difere daquela realizada por tantos outros nordestinos que integraram esse amplo movimento migratório em direção à Amazônia. O que irá diferir Irineu dos demais migrantes será o fato de que, através do seu contato com a *ayahuasca*, ocorrerá uma mudança no seu *status* social, transformando-se o mesmo em líder comunitário e religioso.

Juca Ferreira, então Ministro da Cultura, é o responsável por apresentar a obra, enfatizando o protagonista desta história como *Mestre Irineu, um homem de muitas dimensões*, abordando vários aspectos que demonstram as raízes humildes de Irineu (trabalhador, negro, nordestino, migrante) e seu lado espiritual (santo, xamã, curandeiro, líder), reconhecendo o mestre como “um homem lenda do Nordeste à Amazônia”. Além de pontuar o livro como um trabalho de preservação da memória do Santo Daime, Ferreira reconhece a contribuição importante de Irineu Serra para a prática de políticas públicas sobre substâncias psicoativas estigmatizadas.

O prefácio do livro é de Domingos Bernardo Gialluise, membro do Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas - CONAD,

que, em seu parecer sobre o livro, afirma que os autores preencheram uma lacuna nos estudos sobre a religião amazônica em pauta e que cumprem bem a missão de revelar aos interessados brasileiros e estrangeiros também “a visão de mundo” do biografado, visto esta que foi transmitida através de seu sistema religioso e comunitário.

Ainda no prefácio da obra temos o texto *Acre - Esfinge Amazônica*, de Marcos Vinícius Santana Neves, presidente da Fundação Garibaldi Brasil, que traz sua contribuição no sentido de contextualizar o recorte espacial de que trata o livro: o Acre. Vinícius Neves considera a tarefa dos autores complexa e difícil de realizar pelo fato de retratarem um estado brasileiro que causa estranhamento ao restante do país. Segundo ele, esta já é “uma ideia que se tornou lugar comum no imaginário nacional” e no decorrer do texto nos demonstra como esse estranhamento vai sendo construído e fixado entre os brasileiros, a começar pela piada de que “o Acre não existe”, passando pelo descaso do governo brasileiro em relação a este estado em diversas ocasiões, enfim, Vinícius Neves nos apresenta um Acre que é estranho justamente por ser desconhecido.

Finalmente, Vinícius Neves reconhece ainda o potencial da obra justamente por ressignificar a formação do Acre e, desse modo, outras regiões “invisíveis” da história do país. Finalizando a parte prefaciada temos *Uma Visão Maranhense*, escrita pelo Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti, antropólogo e professor emérito da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, onde o mesmo nos relata sua participação em uma cerimônia do Santo Daime e nos chama a atenção para o papel *sui generis* assumido pelos antropólogos que realizam pesquisas sobre uma religião em que se assume o estado alterado de consciência, constatando que

durante sua experiência ritualística pôde realizar o exercício antropológico de observação participante.

Através de sua observação e da experiência em pesquisas sobre a cultura e religiosidade maranhense, sobretudo a de matriz afro, Ferretti pontua algumas semelhanças entre este universo e o ritual daimista, a citar: o Baile de São Gonçalo, a Pajelança ou Cura, a devoção a Nossa Senhora da Conceição, a festa do Divino Espírito Santo, elementos que foram também percebidos por pesquisadores que estudam o Daime. Considera o livro como “um trabalho de fôlego e de grande interesse pelo estudo minucioso, como uma filigrana sobre a história de vida de um negro nascido no Maranhão e que fundou uma religião”. *Eu venho de longe* é uma compilação de vários relatos realizados em grande parte pelos contemporâneos de Mestre Irineu, que segundo os autores não tem a pretensão de ser a única e verdadeira história do fundador do Santo Daime.

Através de uma contextualização histórica baseada em pesquisa documental e bibliográfica, e também por meio de entrevistas e da observação participante, a obra se organiza em cinco capítulos, além de rico material anexado, que inclui: genealogia da família Serra e das famílias dos primeiros adeptos da doutrina, lista de hinos e partituras dos mesmos, quadro com a disposição espacial do ritual, documentos e álbum de fotos. No primeiro capítulo, intitulado *O Tesouro na Floresta*, estão concentrados os relatos sobre a vivência de Raimundo Irineu no Maranhão, seu nascimento em São Vicente de Férrer, sua origem humilde e a ênfase na sua descendência de escravos, bem como suas relações familiares e os desdobramentos que o levaram a migrar para a Amazônia.

Também são abordados os primeiros anos do maranhense no Território acreano, seus deslocamentos pelo Juruá, Turuacá, Assis Brasil, Xapuri e Brasília, decorrentes de sua participação na Comissão de Limites, que foi o órgão responsável pela demarcação das terras acreanas. Ainda nesta seção do texto é narrada a iniciação *ayahuasqueira* de Irineu, com os relatos do mito de origem da doutrina daimista. É realizado ainda descrições sobre seu primeiro casamento e a fundação do círculo de Regeneração e Fé, que apresentava ritual realizado com a bebida indígena e inspirado no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. O capítulo se encerra com a chegada de Irineu a Rio Branco, contendo apontamentos sobre sua breve estadia na Força Policial e sua inserção na Vila Ivo-nete, local onde começou a se estruturar a comunidade que viria a ser liderada por ele.

O segundo capítulo, *A Formação do Daime*, como o título indica, aborda os tempos iniciais dos trabalhos espirituais com o Daime: os primeiros seguidores, os rituais de concentração e cura e também a inserção dos primeiros hinos, músicas que continham os ensinamentos doutrinários de Irineu e o baile, espécie de dança que passou a fazer parte da ritualística do Daime. O texto narra também neste primeiro momento os primeiros símbolos que são inseridos na religião, como a cruz de Caravaca e a vestimenta usada pelos adeptos, denominada de farda. É também citado o momento de chegada de Daniel Pereira de Mattos no Santo Daime, que, posteriormente, seria o fundador da religião *ayahuasqueira* conhecida como “Barquinha”.

A Construção do Alto Santo, terceiro capítulo da história de Mestre Irineu, traz uma contextualização do estado do Acre durante a Segunda Guerra Mundial e o desenvolvi-

mento da comunidade daimista nesse momento da história mundial, marcado por grandes tensões. São descritos os momentos de perseguição ao Daime durante esse período, as acusações contra Mestre Irineu, que passou a ser visto como macumbeiro e charlatão, culminando com o “cerco policial” ao local onde residia o líder e seus seguidores.

Após esses momentos difíceis vivenciados na Vila Ivonete, a comunidade se mudou para a Colônia Custódio Freire, em 1945, onde se tem a instalação definitiva da sede do culto organizado por Irineu, o Alto Santo. Essa mudança de local é vista pelos autores como um momento de prenúncio de novos tempos na doutrina, sendo que é após esse deslocamento que se tem a construção do primeiro salão para a realização dos rituais, ocorrendo algumas mudanças tanto no fardamento dos adeptos como no ritual em si. Após essas modificações se dá o terceiro casamento do Mestre.

O capítulo quarto da obra, *A Consolidação do Daime*, retrata o retorno de Irineu Serra ao Maranhão e as novas transformações ocorridas na estrutura dos rituais e da comunidade; são também pontuadas algumas semelhanças dos elementos da cultura e religiosidade maranhense com os elementos rituais do Daime. Traz também informações sobre a rede social e política, onde o líder maranhense estabeleceu laços com nomes influentes na política acreana, o que lhe rendeu benefícios para o Alto Santo, como melhoria na estrada de acesso a Custódio Freire, subsídios agrícolas e a instalação de uma escola de primeiro grau dentro de sua comunidade.

No último capítulo, “Os últimos dias do Mestre Raimundo Irineu Serra”, é apresentado um panorama de como foram os derradeiros dias de Mestre Irineu, sua debilidade física devido a problemas renais e cardíacos que o

fizeram passar por crises agudas. São também narradas palestras de teor moral feitas pelo mestre nesse último momento aos seus seguidores, que, segundo os autores da obra, seria um recurso para exercer seu carisma e pontuar os valores doutrinários do Santo Daime, organizados por ele ao longo dos anos.

É nesse período que surge a necessidade de institucionalização da doutrina que buscava legitimar-se na sociedade acreana da época. É retratado também o clima de disputa entre os seguidores no que diz respeito à escolha de um novo líder para a comunidade daimista. Com a morte de Mestre Irineu, em 06 de julho de 1971, ocorreu várias desavenças dentro da comunidade, levando a uma fragmentação do grupo que esteve sob comando de Irineu, mas, para além das dissidências estabelecidas, Mestre Irineu continuou a ser o “Mestre”, prevalecendo seus ensinamentos e a crença de que este sempre está presente nos rituais da religião por ele legada.

“Eu Venho de Longe” adentra também brevemente numa discussão sobre o uso das fontes orais, que, segundo os autores, claramente não buscam uma “objetividade”, pois que estas estão imbuídas das avaliações e dos preconceitos do pesquisador, premissas que se tornam evidentes no uso que os mesmos fizeram das entrevistas, onde certos depoimentos receberam uma maior atenção. Os próprios entrevistados, ao produzirem seus relatos, realizam uma seleção do que narram, havendo uma reflexão sobre o fato passado que, para os autores, é reconstruído com base no presente. Contextualizando a obra, a mesma foi elaborada no meio universitário baiano, que tem concentrado discussões sobre a composição étnica da sociedade brasileira e a condição subalterna da herança indígena e africana, traduzida na insatisfação com a desigualdade social.

De acordo com os autores, “ocorre atualmente na Bahia uma forte mobilização social que visa resgatar a importância do legado cultural africano e indígena” e, desse modo, as vertentes do Daime mais ortodoxas que se concentram principalmente em Rio Branco são apresentadas como parte desse legado. Os daimistas acreanos, em sua maioria, são mestiços e provenientes de classes populares, sendo resgatados nesta obra como detentores de um saber legítimo e que deve ser valorizado. Desse modo, é possível se observar que, no livro, é dada ênfase maior aos elementos afrobrasileiros presentes na história do Santo Daime, fazendo com que os elementos ameríndios apareçam em segundo plano.

Sobre o Santo Daime no contexto maranhense, apesar de o fundador ter nascido no Maranhão, esta foi a última unidade federativa brasileira na qual se estabeleceu tal doutrina religiosa, sendo responsável por essa implementação o sobrinho de Mestre Irineu, Daniel Serra, também ele maranhense. Este viajou juntamente com seu tio para o Acre, em 1957, quando nesse período a doutrina daimista já se encontrava inicialmente estruturada, passando a acompanhar e ajudar Irineu nos trabalhos espirituais.

O retorno de Daniel Serra ao Maranhão foi impulsionado por uma matéria de um jornal local, onde foi noticiado que, curiosamente, o estado em que nasceu o fundador do Santo Daime era naquele momento o único estado do Brasil que não possuía uma igreja dessa religião. Essa notícia chamou bastante a atenção de Daniel Serra, despertando-o para o que ele considerou como sua “missão”, o que o levou a inaugurar em 2009 o Centro de Iluminação Cristã Estrela Brilhante Raimundo Irineu Serra, em Paço do Lumiar, município da Ilha de São Luís.

Mestre Irineu, aos poucos, vem sendo descoberto pelos seus conterrâneos e “*Eu Venho de Longe*” tem sido responsável por dar uma visibilidade maior à trajetória deste maranhense em seu próprio estado de origem, sendo a obra de grande relevância por resgatar a história deste líder de origem humilde que reuniu em torno de si adeptos que se expandiram da Amazônia brasileira para várias partes do mundo.

NOTA SOBRE A AUTORA

Isabell Mendonça é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA.

Recebido em: 11.08.12

Aprovado em: 03.10.12

